

Ata da nº 122ª Reunião Ordinária do Comitê de Investimentos do Instituto de Previdência do Município de Aracaju.

Data: 14 de maio de 2024.

Local: Sala de Reunião do AJUPREV.

Participantes: Wilson dos Santos, Genolice Santana Soares, Cristiano dos Santos Bomfim.

Pauta: Item 1 - Análise do Relatório de Investimentos de abril de 2024;

Item 2 - Análise do Cenário;

Item 3 - Estratégia para o período;

Item 4 - O que ocorrer.

Verificada a existência de quórum, a Sr.^a Genolice deu início à reunião, informando que no mês de abril de 2024, o AJUPREV alcançou o valor de R\$ 1.635.663.506,28, evidenciando um retorno negativo de -R\$ 8.409.845,50, esse desempenho corresponde a um retorno em percentual de -0,51% no período, contra uma meta atuarial estabelecida de 0,82%. A Sr.^a Genolice destacou que esse resultado foi impulsionado pelo retorno positivo de 0,07% em investimentos de renda fixa, retorno negativo de -3,23% em renda variável e retorno negativo de -0,54% em investimentos de renda exterior. **Item 1 - Análise do Relatório de Investimentos:** O Sr. Cristiano apresentou o Relatório de Investimentos de abril de 2024, incluindo a análise de rentabilidade e risco dos investimentos realizados conforme as diretrizes do Comitê, fundamentadas na análise do cenário econômico e na estratégia de alocação da Política de Investimentos aprovada. Todas as operações foram autorizadas pela Diretoria e seguiram os procedimentos estabelecidos. O Comitê aprovou por unanimidade os Relatórios de Investimentos e emitiu seu Parecer. **Item 2 - Análise do Cenário Econômico:** Durante a reunião, foi conduzida uma análise abrangente o cenário econômico na esfera internacional e nacional. No mês de abril, a economia dos Estados Unidos demonstrou resiliência, com indicadores robustos de inflação que excederam as expectativas do mercado. Esta tendência impactou as taxas de juros globais, fortaleceu o dólar americano e aumentou a volatilidade em diversos ativos financeiros. Simultaneamente, as tensões geopolíticas no Oriente Médio se intensificaram devido a um ataque sem precedentes do Irã contra o território israelense, seguido por uma resposta militar de Israel, resultando em flutuações no mercado de petróleo. No contexto econômico dos Estados Unidos, foram divulgados novos dados de inflação, indicando uma pressão ascendente persistente. Neste cenário, caracterizado pela elevada inflação e pela robustez da atividade econômica, a perspectiva de iniciar um ciclo de redução da taxa de juros parece menos provável. Apesar do risco inflacionário associado ao aumento dos salários, o mais recente relatório do mercado de trabalho sugere um gradual reequilíbrio, evidenciado pela diminuição do número de vagas em aberto e pela criação de empregos aquém das projeções. Na última reunião, os membros do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) optaram por manter a taxa de juros, enfatizando a falta de avanço da inflação em direção à meta nos últimos meses. O comitê expressou conforto com o nível atual da taxa de juros e a crença de que ela está exercendo um efeito contracionista sobre a atividade econômica, eventualmente conduzindo a inflação de volta à meta. Além disso, o presidente Jerome Powell indicou que é improvável que a próxima mudança na política monetária seja um aumento da taxa de juros. Na Europa, a economia continua a se recuperar gradualmente, com resultados positivos no Produto Interno Bruto (PIB) e no Índice de Gerentes de Compras (PMI) do setor de serviços, embora o PMI de manufatura ainda revele fragilidades. Quanto à inflação, esta segue em declínio gradual, com baixos ajustes nos preços de bens e maior resiliência nos preços de serviços. Os membros do Banco Central Europeu (BCE) mantêm a indicação de iniciar um ciclo de cortes de juros em junho, mantendo os próximos passos em aberto. Na China, os dados do primeiro trimestre surpreenderam positivamente, com um crescimento anual de 5,3%; contudo, os indicadores de março apontaram para uma desaceleração da atividade econômica e contínuas preocupações no mercado imobiliário. No âmbito político, a reunião do Politburo em abril indicou uma aceleração na emissão de títulos do governo para investimentos em infraestrutura e medidas para lidar com o estoque de imóveis vazios. Quanto ao Banco do Japão, na Ásia, manteve inalterados todos os parâmetros de política monetária na reunião de abril, expressando expectativas de que a inflação esteja em linha com a meta no próximo ano, embora permaneça a incerteza em relação aos aumentos salariais e seu impacto na inflação de serviços. No âmbito nacional, o governo brasileiro divulgou o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2025, propondo ajustes nas metas fiscais para os próximos anos. Conforme o documento, a meta para o próximo ano foi revisada de um superávit de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) para 0%, enquanto a meta para 2026 foi ajustada de 1,0% para 0,25%. Essa revisão conjunta das metas, aliada à articulação política visando à antecipação de um crédito extraordinário de 15 bilhões de reais, indica uma postura menos comprometida do governo em equilibrar suas contas. Por sua vez, o Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu a taxa Selic para 10,50%, sem fornecer indicações explícitas sobre os próximos passos. Em seu comunicado, o Banco Central avaliou que o cenário externo apresenta maior adversidade, especialmente devido à incerteza sobre o início do ciclo de redução de juros nos Estados Unidos. No contexto interno, o Copom observou que os indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho demonstraram maior robustez do que o esperado, enquanto a inflação total segue em trajetória de alívio, embora medidas subjacentes permaneçam acima da meta estabelecida. Em relação aos riscos, o Comitê manteve sua avaliação, destacando a possibilidade de persistência das pressões inflacionárias globais e a resiliência da inflação de serviços, por um lado, e a desaceleração da atividade econômica global e

impactos mais fortes do ciclo de aperto monetário sobre a inflação global, por outro. Diante desse quadro, o Banco Central optou por reduzir a Selic em 25 pontos-base, mesmo com a recomendação de quatro membros do Copom por um corte de 50 pontos-base, e enfatizou que a política monetária deve permanecer contracionista até que a convergência da inflação e das expectativas à meta seja consolidada. Quanto à inflação ao consumidor em abril, observou-se uma acomodação nos núcleos. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou um avanço de 0,38%, em linha com a mediana das expectativas de mercado (0,35%). Os principais contribuintes foram os setores de alimentação e bebidas (0,70%), que voltaram a acelerar no mês, e saúde e cuidados pessoais (1,16%), especialmente devido aos produtos farmacêuticos, que tiveram seus preços reajustados. Quanto às surpresas altistas, destacaram-se principalmente os alimentos e combustíveis, como o etanol (4,56%) e a gasolina (1,50%). Em relação aos serviços, continuou-se observando um processo desinflacionário, com desaceleração na média móvel de três meses dessazonalizada do núcleo de serviços subjacentes, enquanto a média dos núcleos do Banco Central voltou a desacelerar entre março e abril. Esses dados reforçam uma perspectiva benigna de desinflação gradual, embora os impactos inflacionários das enchentes no Rio Grande do Sul possam ser observados no curto prazo, com a elevação dos preços dos alimentos devido às perdas no estado. No mercado de renda variável, houve uma grande discrepância entre a variação do Ibovespa (-1,70%) e do SMLL (-7,76%), principalmente devido ao desempenho expressivo da Petrobras, com a resolução da questão do pagamento de dividendos extraordinários. Enquanto isso, no mercado de renda fixa local, os juros apresentaram forte alta devido ao aumento das preocupações fiscais, à resistência inflacionária e ao discurso mais rígido do Banco Central, influenciado pelo possível conservadorismo do Federal Reserve dos EUA. Tanto os vértices mais curtos quanto os mais longos da curva de juros registraram aumento, com destaque para a taxa do DI de dez anos, que disparou, inclinando a curva. No mercado de títulos públicos indexados à inflação, as taxas também subiram significativamente, refletindo a postura cautelosa dos investidores diante do cenário adverso global. No mercado cambial, o Real brasileiro seguiu a tendência de desvalorização observada internacionalmente em abril, influenciada pelas preocupações fiscais e pela redução do diferencial de juros entre o Brasil e os Estados Unidos. Nas commodities, destacou-se a alta do preço do petróleo, impulsionada pelo início de um conflito entre Israel e Irã, embora tenha terminado o mês com um aumento modesto. Por outro lado, o preço do minério de ferro se recuperou parcialmente da queda anterior, com sinais de melhora na economia chinesa, enquanto o preço da soja registrou uma queda.

O Sr. Wilson destacou a crescente complexidade do cenário internacional, ressaltando a incerteza em torno do ciclo de redução de juros nos Estados Unidos e as tensões geopolíticas no Oriente Médio, que estão aumentando a volatilidade nos mercados globais. Diante disso, é imperativo que estejamos vigilantes e prontos para responder adequadamente a esses desafios. Por sua vez, o Sr. Cristiano observou a adaptação das metas fiscais pelo governo brasileiro diante das complexidades econômicas atuais. No entanto, ele enfatizou a importância de mantermos um olhar atento sobre a sustentabilidade fiscal a longo prazo, reconhecendo os potenciais impactos na estabilidade econômica interna. É crucial manter uma postura proativa na gestão de nosso portfólio, adaptando-nos às condições em constante evolução dos mercados globais. Encerrando a discussão sobre os cenários internacional e nacional, reafirmamos a importância de monitorar de perto os desenvolvimentos nos mercados globais, considerando as decisões dos bancos centrais, as perspectivas de crescimento econômico e os possíveis impactos nos investimentos. O comitê permanecerá vigilante à evolução desses cenários, buscando embasar suas decisões de forma coerente, atualizada e bem fundamentada. **Item 3 - Estratégia para o Período:** O Comitê apresentou suas deliberações e estratégias planejadas para execução ao longo do mês de maio de 2024. Durante a reunião, foram conduzidas análises e avaliações de diversas estratégias de investimento, considerando os cenários econômicos previamente discutidos. O Comitê definiu as ações a serem implementadas durante o período, com o objetivo de maximizar os retornos dos investimentos e gerenciar os riscos de maneira prudente. Em relação aos novos recursos, foi deliberado alocá-los em fundos indexados ao IMA-B, Vértice, IDKA PRÉ 2A, CDI, IRF-M e IRF-M 1+, Multimercado Investimento Exterior, e IBOVESPA. Essas decisões foram tomadas com a intenção de otimizar os retornos e gerenciar os riscos de maneira criteriosa. Além disso, foi estabelecida a base para as ações que serão implementadas ao longo do mês de referência, destacando a transparência e o compromisso do Comitê com a gestão de riscos e a condução responsável das atividades. **Item 4 - O que ocorrer:** Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a reunião e, eu, Genolice Santana Soares, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais presentes.


Genolice Santana Soares
Presidente - Comitê de Investimentos


Wilson dos Santos
Membro - Comitê de Investimentos


Cristiano dos Santos Bomfim
Membro - Comitê de Investimentos